

ARCO ÍRIS

A mais antiga retrosaria da **Ribeira Grande** comemora **35 anos**

Páginas 26 e 27

diretor: JOAQUIM FERREIRA LEITE
20 de abril 2023

Audiência RIBEIRA GRANDE

PUBLICAÇÃO QUINZENAL 1,20€ IVA incluído ano VIII - edição 185



A IMPRENSA É SEGURA!

CRISTINA CALISTO

Páginas 22 à 24

Nascer, crescer e viver Lagoa

“É a pensar nas pessoas que nós estamos aqui, diariamente, a resolver os problemas”



JOÃO DÂMASO MONIZ

Páginas 18 e 21



A Escola Profissional da Ribeira Grande ao longo de 25 anos colocou 1500 jovens no mercado de trabalho “preparados e dotados de formação específica”

NORDESTE

Sirius coloca “Coração do Mar” na Achadinha

Página 25

JOÃO DÂMASO MONIZ GARANTIU QUE OS ALUNOS SAEM DA EPRG PRONTOS PARA O MERCADO DE TRABALHO

“O ensino profissional é uma mais-valia e uma solução para muitos dos problemas do mundo empresarial”

A Escola Profissional da Ribeira Grande comemorou, este ano, 25 anos de existência. Neste quarto de século, o estabelecimento foi gerido por uma fundação, passando, em 2014, a ser coordenado pel'A Ponte Norte – Cooperativa de Ensino e Desenvolvimento da Ribeira Grande, que continua o trabalho até aos dias de hoje. Ao longo deste tempo, já lecionou 122 cursos e foi casa de cerca de 1500 diplomados, constituindo-se, assim, num importante degrau para o crescimento do concelho, da ilha e do arquipélago. João Dâmaso Moniz é diretor geral do estabelecimento desde novembro de 2021 e falou, em exclusivo ao AUDIÊNCIA, sobre o percurso da escola, bem como as maiores dificuldades que atravessa na atualidade. Além disso, também não escondeu o sonho de construir um polo de formação, na Ribeira Grande, e prometeu continuar a lutar para destruir preconceitos e ideias pré-concebidas sobre o ensino profissional.

Por Sara Tavares Almeida

Para começar, pedia que nos falasse um pouco da história da instituição e do seu percurso, até aos dias de hoje.

A Escola Profissional da Ribeira Grande surgiu há 25 anos e é um projeto que esteve, e continua a estar, muito ligado à Câmara Municipal. Ergueu-se numa altura em que o ensino profissional, na região, estava a dar os primeiros passos, aliás, são várias as escolas profissionais de outros concelhos que também têm 25 anos de existência. À época, este estabelecimento de ensino foi pensado para colmatar uma necessidade de formação, a nível das pescas. Esse projeto, como referi, muito ligado à Câmara Municipal, acabou por ficar sediado em Rabo de Peixe, porque a ideia era ser mais abrangente e pretendia-se, na altura, que tivesse, também, uma componente de ensino superior, nomeadamente com a abertura de um politécnico, que ficaria na cidade da Ribeira Grande e, por uma questão estratégica, de dispersão geográfica, o ensino profissio-



João Dâmaso Moniz, diretor geral da Escola Profissional da Ribeira Grande

nal ficaria, então, na vila de Rabo de Peixe e daria resposta, como referi, essencialmente, à área das pescas, ou seja, qualificaria os pescadores, dando-lhes alguma formação, algo que era essencial e que, na altura, não existia, não só no concelho, mas na ilha, e que obrigava muitos desses pescadores a terem de se deslocar ao continente português para ter formação nesta área. Foi, essencialmente, desta oportunidade e desta necessidade que surgiu a Escola Profissional da Ribeira Grande, na vila de Rabo de Peixe, num edifício que, ainda hoje, é pertença do município, com compactas instalações, não mais de três ou quatro salas de aulas, mas foi o local onde o projeto deu os primeiros passos. Mais tarde, surgiu a Fundação para o Desenvolvimento Socioprofissional e Cultural da Ribeira Grande e, esta acabou por ficar com a alçada do estabelecimento de ensino, sem a dependência direta, de certa forma, da Câmara Municipal, mas a fundação era detida, a 100%, pela autarquia, ou seja, esta passou a ter uma participação indireta. Entendeu-se, na altura,

que a fundação podia dar resposta a outros projetos, nomeadamente ao tal ensino politécnico, mas também participar na divulgação da nossa cultura, a nível municipal, particularmente, no desenvolvimento das nossas tradições, como as cavalhadas de São Pedro e as marchas. Enfim, viu-se, ali, uma oportunidade de aprofundar e dinamizar a cultura da cidade. Deuse, então, essa fundação e houve um franco desenvolvimento da escola nos anos subsequentes, ali até 2012/2013 houve um forte incremento da formação profissional. Entretanto, o país também atravessava outras dificuldades, aliás, como todos temos memória, há cerca de dez anos, Portugal foi intervencionado pela Troika e, no âmbito dessa intervenção, surgiu uma questão legislativa, que exigia que as fundações que não tinham receitas próprias e que dependiam, diretamente, do Estado, neste caso concreto, de uma autarquia local, caso não tivesse mais de 50% dos seus rendimentos oriundos de receitas próprias, teriam de ser extintas. Neste caso concreto, a fundação que geria a Escola Profissional não tinha essas condições e por não as ter foi necessário extinguir a Fundação para o Desenvolvimento Socioprofissional e Cultural da Ribeira Grande e, na altura, a Câmara Municipal, liderada por Alexandre Gaudêncio, viu-se com um problema bastante grande nas mãos. O ensino profissional estava órfão, não havia nenhuma entidade que quisesse ficar com ele, a fundação não poderia continuar e estávamos a falar de um quadro de pessoal a rondar os 40 funcionários

e um conjunto de outras valências e áreas de atividade, uma vez que eramos, e continuamos a ser, a entidade gestora de dois centros de ciência, um no concelho da Ribeira Grande, e outro na Povoação, nomeadamente o OASA – Observatório Astronómico de Santana, Açores e o OMIC – Observatório Microbiano dos Açores. Então, a capacidade e audácia do poder local, da altura, permitiu arranjar uma solução, que foi a criação de uma cooperativa que ficasse com a alçada, não só do ensino profissional, mas também desses centros de ciência e outros projetos que estavam a ser desenvolvidos pela fundação. Foi isso que aconteceu e foi constituída A Ponte Norte – Cooperativa de Ensino e Desenvolvimento da Ribeira Grande, a 10 de outubro de 2014, e, a partir daí, felizmente, as coisas têm-se vindo a consolidar. No entanto, e também acho importante dizer que, desde essa altura, apesar de não haver uma relação com a extinção da fundação, o ensino profissional, infelizmente, passou a ter outros desafios e houve uma redução do número de cursos e do número de formandos ligados à nossa escola. Isto aconteceu, não por uma opção da própria direção, mas, essencialmente, porque a Escola Profissional da Ribeira Grande depende de fundos comunitários, nomeadamente do Fundo Social Europeu, e houve uma diminuição das verbas disponíveis para a formação profissional. Felizmente, aqui, já vimos uma alteração com o aumento do número de cursos, no ano passado, e que se espera que continue este ano.

Quais são as valências da Escola Profissional da Ribeira Grande e quantos alunos tem?

Nós, atualmente, temos nove cursos profissionais, sendo que desses, oito são financiados pelo Fundo Social Europeu e um pela Câmara Municipal da Ribeira Grande. Isto foi uma opção que foi tomada pela própria autarquia, em 2020, de abrir um curso, porque a escola necessitava, e continua a necessitar, de aumentar a sua oferta e a Câmara Municipal achou que devia financiar a abertura de um curso o que, obviamente, auxiliou, financeiramente, a escola para ter maior estabilidade. Neste momento, no primeiro ano temos dois cursos de apoio à infância, um de informática de gestão e um de produção agropecuária. Já no segundo ano temos o curso de técnico de secretariado e técnico de apoio familiar e à comunidade, e, no terceiro ano, os alunos que terminam agora em junho, temos o curso de técnico comercial, técnico auxiliar de saúde e técnico de produção agropecuária. A escola tem cerca de 200 alunos, em números redondos. Essencialmente 100 do primeiro ano e os outros 100 divididos pelo segundo e terceiro. Há, aqui, uma aposta em áreas específicas. Na agropecuária, porque é um setor importante para os Açores, mas também para o concelho da Ribeira Grande, sobretudo na zona nasccente, ou seja, nas freguesias de Porto Formoso, São Brás, Maia, Lomba da Maia, Fenais da Ajuda e Lomba de São Pedro. Esta zona do concelho tem uma forte e importante dinâmica económica nesta área. As pescas são uma área que está muito ligada à nossa génese e à nossa constituição, portanto, é uma vertente com a qual temos uma ligação muito forte, mas há uns anos atrás foi feita uma aposta estratégica do Governo Regional de então abrir a Escola do Mar, na Ilha do Faial, e, efetivamente, essa acaba por receber a maior parte da formação a este nível. Note-se que, recentemente, já esta direção, fez um protocolo de parceria com a Escola do Mar dos Açores, de forma a que os nossos pescadores, aqui da vila de Rabo de Peixe e do concelho da Ribeira Grande, não tivessem de se deslocar à Ilha do Faial para ter formação. Nós disponibilizamos as instalações e os formadores deslocam-se à nossa escola, mas as pescas continuam a ser uma área muito importante para nós. A agropecuária também o é. Fiz questão de dizer no meu discurso, na comemoração dos 25 anos do estabelecimento de ensino, que numa altura em que se começa a falar da especialização das escolas profissionais, nós queremos estar, essencialmente, nessas duas áreas, na agropecuária e nas pescas. Também não é falso afirmar que estamos muito ligados à área social e temos vindo a formar



muitos miúdos na área do apoio à infância, apoio familiar e à comunidade e técnico auxiliar de saúde. À parte desta vertente do ensino profissional, temos, também, um conjunto de formações de curta duração que servem, essencialmente, para dotar os formandos de algumas competências específicas. São abertas à comunidade e gratuitas, porque são financiadas pelo Fundo Social Europeu. Tem sido motivo de procura de várias pessoas. Foi uma aposta feita pela anterior direção, na qual houve a definição de um pacote de muitas horas de formação. A questão pandémica não ajudou, muitas não se realizaram, mas até junho deste ano temos de finalizar este pacote e, se a memória não me falha, são cerca de 10 a 15 formações que ainda nos faltam realizar. Muitas delas são ligadas à área do turismo.

No caso, a escolha dessa área é para ir ao encontro das necessidades do concelho e da ilha, uma vez que se trata, cada vez mais, de um destino turístico?

Exatamente, sem dúvida alguma. Aliás, no concelho em concreto, com a abertura do hotel, que já aconteceu há algum tempo, mas continua a criar necessidades em algumas áreas, mas também por um conjunto de projetos que estão ainda em carteira, em fase de licenciamento junto da Câmara Municipal, mas que, de certa forma, alguns promotores já nos procuram para saber se estamos a dar formação, se estamos a preparar pessoas para essas necessidades do mercado

de trabalho. A Ribeira Grande é, bastante dinâmica na área da construção civil e já demos muita formação, antes de 2013, quando o setor tinha, aqui, uma pujança bastante forte na região e no concelho. Atualmente, não se tem formado ninguém nessa matéria. Temos um grande desafio associado ao facto de os cursos profissionais demorarem em torno de três anos a serem concluídos, porque não se consegue formar um técnico de um dia para o outro. Ou seja, pode haver uma necessidade imediata e nós não conseguimos dar resposta. Ao abrirmos, hoje, um curso, esse técnico só estará no mercado de trabalho daqui a três anos e, muitas vezes, nessa altura, o mercado pode já não ter essa necessidade. Daí também ser importante termos as formações de curta duração, para haver alguma requalificação de pessoas que estão em áreas similares e que, apenas com essa solução, conseguem integrar-se nos assuntos e entrar na área. Nós tentamos trabalhar nesses dois patamares. A formação profissional, que é o que, efetivamente, está na nossa génese e na nossa matriz, mas também esta de curta duração, para dar respostas pontuais ao mercado de trabalho, porque este não pode ficar três anos à espera de um técnico.

De que forma é que a Escola Profissional da Ribeira Grande está envolvida com a comunidade? Por exemplo, ao nível de estágios, as empresas locais são receativas a receber os vossos alunos?



Sim, sem dúvida. Aliás, esta questão tem sido quase uma bandeira desta direção. Nós, desde que tomamos posse, temos trabalhado, e de certa forma temos desenvolvido esforços, para que a escola não seja aquele edifício fechado, rodeado de paredes e de um gradeamento exterior, que é natural existir, mas que seja um espaço aberto à comunidade. Muitas vezes é difícil trazermos a comunidade para dentro da escola, porque está nas suas atividades diárias, e então há, aqui, um esforço de tirarmos os alunos daquelas quatro paredes e envolvê-los nessas atividades e na vivência da população. Temos uma proximidade muito grande com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, ou seja, participamos em praticamente todas as atividades que ela organiza, como, por exemplo, a Festa da Flor, as festas da cidade e o Cantares às Estrelas. Mas a escola envolve-se, também, com outras entidades, como Santas Casas da Misericórdia. Participamos, inclusive, na Feira de Segurança Infantil, organizada pela Polícia de Segurança Pública aqui da cidade da Ribeira Grande, onde duas das nossas turmas estiveram encarregues da dinamização das atividades. Isso não deixa de ser, também, um momento de aprendizagem, uma vez que eles interagem e têm a oportunidade de ter contato com o mercado real de trabalho. Em relação às empresas, somos bastante procurados, felizmente, e digo isso com orgulho, no entanto, é algo transversal, não apenas na nossa escola, mas ao ensino profissional, em geral. O tecido empresarial local reconhece a qualidade das escolas profissionais da região e isso é ótimo. Muitas vezes, mal os alunos realizam o estágio, os empresários e as empresas querem logo assinar contratos de trabalho com eles, ou seja, fazem aqui o recrutamento, ou uma pré-seleção, e isso é muito bom. Os estágios acontecem em dois momentos distintos, no segundo e no terceiro ano dos cursos profissionais, num módulo que é chamado de Formação em Contexto de Trabalho, sendo que no terceiro ano a carga horária desse módulo é maior do que no segundo. Estamos a falar



de um período de cerca de um mês, de contacto diário com as empresas. Isto é muito bom para os alunos, porque permite-lhes aplicar os conhecimentos que adquirem ao longo da sua aprendizagem e acaba por ser, também, bom para as empresas, pelo tal momento de seleção e recrutamento. Há muitos formandos nossos que, quando terminam o curso, já saem, praticamente, com local para trabalhar, fruto desses contactos que têm durante o curso.

De que forma é que este estabelecimento influencia o desenvolvimento do concelho, em particular, e dos Açores, em geral?

Nós, ao longo destes 25 anos, desenvolvemos 122 cursos de tipologia técnico-profissional, ou seja, estamos a falar de cerca de 1500 diplomados. Se fizermos uma conta rápida e dividirmos esses 1500 por 25 anos, estamos a falar de 60 adolescentes e jovens que, anualmente, saem para o mercado de trabalho, preparados e dotados de formação específica e eu julgo que isto, só por si, confirma o que referiu na questão. Esta dinâmica, esta continuidade de formação, faz com que os empregadores tenham, aqui, a quantidade de recursos para colmatar as suas necessidades, e, obviamente, que, eles, incorporando esses formandos nos quadros das suas empresas, podem oferecer mais serviços, podem vender mais produtos e, de certa forma, contribuem, diretamente, para o desenvolvimento económico, não só do concelho da Ribeira Grande, como da ilha e do arquipélago, em geral. O ensino profissional tem uma importância muito elevada a este nível, porém gostaria que tivesse mais.

Gostaria que tivesse mais relevância ou maior visibilidade da importância que já tem?

Eu gostaria que tivesse mais importância. Julgo que a concorrência que é feita pelas escolas de ensino regular, que também têm ensino profissional, é distinta e, sinceramente, acho que não tem a mesma qualidade. De salientar que, nos cursos profissionais dados em escolas regulares, os professores não são das áreas técnicas, são do quadro, professores de profissão, enquanto nas escolas de ensino profissional, esta formação, principalmente na parte técnica, é dada por pessoas que estão no terreno e que dispensam algum do seu tempo diário para ir à escola para transmitir aquele que é o seu conhecimento e experiência. Eu acho que há, aqui, um contacto de maior proximidade entre o mercado de trabalho e a escola, porque esses profissionais são pessoas que, efetivamente, diariamente, aplicam os conhecimentos e sabem, na prática, como é que as coisas são. Eu julgo que isso é uma enorme mais-valia



do ensino profissional, mas olhando para os dados na região, ainda não tem o peso que tem outros países, como na Alemanha, por exemplo, que é um território onde este tipo de ensino, em termos de escolhas, tem uma preponderância muito superior. Quem ingressa no ensino regular são pessoas que, depois, querem prosseguir os estudos e ingressar na universidade, todos os outros acabam por optar pelo ensino profissional, algo que, no nosso país, não é bem assim. Ainda há muitos cidadãos que terminam o 12º ano no ensino regular e, depois, também não prosseguem os estudos para a universidade, ou seja, acaba por ser uma desvantagem, porque apesar de terem o 12º ano, não têm nenhuma especialização. Por isso é que os cursos profissionais são de dupla certificação.

Mas, acredita que, ao longo destes 25 anos, a imagem negativa conferida aos cursos profissionais, de solução para quem não é "bom o suficiente", foi mudando?

Eu julgo que essa ideia pré-concebida tem menos força, agora, do que teve em há alguns anos, mas é uma luta que não está ganha, de forma alguma. Há, aqui, um debate que nós, escolas profissionais, temos a obrigação de continuar a fazer porque, infelizmente, por parte de algumas pessoas, o ensino profissional ainda é visto como uma solução para os menos capacitados, para aqueles que não têm tanta capacidade intelectual, que são piores alunos na escola. Isso é uma falsa questão. Obviamente que nem todos os alunos vão ser brilhantes, mas isto acontece, tanto no ensino regular, como no profissional, mas há, efetivamente, bons, e eu diria até excelentes, alunos no ensino profissional. Aliás, ainda recentemente, com a participação no Campeonato de Profissões, quer regional, quer nacional, que ocorreu em Portimão, é fácil ver, pelos resultados obtidos pela Região Autónoma dos Açores, que são muitos e bons os técnicos que temos a esse nível, nas diferentes áreas. Nós, na Escola Profissional da

Ribeira Grande, tivemos um campeão regional na área de caring e cuidados pessoais. Estamos munidos, e as escolas profissionais estão preparadas para dar boa formação, agora, eu sei e comprehendo que esses pensamentos não se mudam de um dia para o outro, só com muito trabalho é que se vai alterar. O ensino profissional é uma mais-valia, uma solução para muitos dos problemas do mundo empresarial e do mercado de trabalho. Aliás, de notar que o nosso mercado de trabalho valoriza, imenso, o ensino profissional. Na hora de contratar, a experiência desta formação é tida muito em conta e isso acontece, não só aqui nos Açores, mas a nível nacional. Os nossos empresários reconhecem o bom ensino que se dá nas escolas profissionais. É um trabalho que temos de continuar a fazer e eu acredito que as próximas gerações já não vão olhar para o ensino profissional como um refúgio para aqueles com menos capacidades, como um ensino secundarizado, acredito que essas ideias pré-concebidas sairão da cabeça de muita gente, mas, como disse, isso é um trabalho que temos de continuar a fazer, até porque o ensino profissional é recente, não tem 200 anos, estamos a falar de 25, 30 anos, na região.

Que outras dificuldades está o ensino profissional a viver, nos dias de hoje?

Atravessamos, diria eu, atualmente, duas ou três dificuldades. A primeira tem que ver com a adaptação aos novos tempos. As escolas profissionais têm de fazer avultados investimentos para ir, de certa forma, acompanhando a evolução dos tempos. Somos escolas de direito privado, ou seja, não temos uma comparticipação pública, a não ser o financiamento comunitário, do Fundo Social Europeu, mas depois, dos orçamentos, no caso concreto da região, as escolas profissionais não são auxiliadas em nada, ou seja, quero com isso dizer que há, aqui, uma necessidade de atualização de equipamentos, de computadores e softwares que é praticamente permanente e consiste numa dificuldade, porque a disponibilidade financeira das escolas profissionais não é assim tão elevada. A questão do financiamento também é uma dificuldade. Atualmente, estamos no fim do quadro comunitário de apoio e muito expectantes relativamente ao próximo, porque precisamos, urgentemente, de uma atualização das tabelas que, de certa forma, financiam os cursos profissionais, porque estes, consoante a área, são financiados em certos valores e essas tabelas são anteriores a 2014 e, entretanto, com o aumento generalizado dos valores, não se encontram, minimamente, atualizadas e não suprêm as necessidades. Há outra dificuldade no que diz respeito à contratação de formadores. Mais uma vez, pelo facto destas tabelas ainda não terem sido atualizadas, nós não conseguimos pagar, em termos de valor por hora, aos formadores, aquilo que, no nosso entender, seria um justo valor e isso faz com que muitas pessoas, formadores e professores, não estejam disponíveis para colaborar com o ensino profissional. Tem sido difícil conseguir contratar formadores e professores para áreas específicas, onde não existem muitas pessoas a laborar e com conhecimento, falo, por exemplo, para a disciplina de programação, entre outras, onde as pessoas precisam de uma experiência muito específica e, muitas vezes, não estão disponíveis para trabalhar pelos valores que nós pagamos. Outra dificuldade é a redução do número de cursos. Felizmente, como já referi, em 2022, deu-se o aumento do número de cursos na Escola Profissional da Ribeira Grande. A continuar dessa forma é ótimo porque, nós, escolas profissionais, temos uma estrutura de custos, temos um quadro de pessoal associado e precisamos de um número mínimo de cursos para conseguir pagar aquela que é a nossa estrutura e sempre que se fica abaixo desse número de cursos, obviamente, que nós não conseguimos, por muita boa vontade que exista ou por muito boa dinâmica que a escola tenha, fazer face àqueles que são os nossos compromissos. Isso, muitas vezes, pode levar a uma redução do nosso quadro de pessoal, uma redução da dimensão das instalações, porque a escola está em edifícios que não são da sua propriedade, são arrendados. Essa questão do financiamento é, efetivamente, uma preocupação, mas estamos esperados que, na próxima configuração do quadro comunitário de apoio, estas questões sejam atendidas. No nosso caso concreto, são essas as dificuldades. Temos colegas de outras escolas profissionais que estão a sentir, na flor da pele, a questão da demografia. Sabemos que somos cada vez menos a viver neste pedaço de encanto que são as nove ilhas e isso faz com que, muitas vezes, haja falta

de formandos para preencher os cursos e as turmas. Felizmente, a Escola Profissional da Ribeira Grande não sente isso, mas também devo dizer que estamos no concelho mais jovem do país e isso, felizmente, não nos tem trazido problemas. Atualmente não o é, mas poderá ser, no futuro, porque nas ilhas mais pequenas já o é, não conseguem constituir turmas com o número mínimo, que, hoje, são 16 alunos, mas ainda recentemente eram 18. Mas este é um problema que não é só do ensino profissional, também se vai verificar no ensino regular e, infelizmente, vai atingir-nos a todos.

Na cerimónia de comemoração dos 25 anos da Escola Profissional da Ribeira Grande, que decorreu no Teatro Ribeiragrandense, no passado 6 dia de fevereiro, o diretor fez questão de afirmar que o maior sonho é, neste momento, a criação do polo cidade. Pode falar-nos um pouco mais sobre este projeto?

Efetivamente, o polo cidade é um projeto que nos acompanha, não diria há 25 anos, mas seguramente há 20. Desde os primórdios da escola, que se fala da possibilidade de existir, na cidade da Ribeira Grande, um polo de formação. Aliás, isto era apenas a segunda peça de um projeto tripartido, em que existiram três locais de formação no concelho, ou seja, a sede em Rabo de Peixe, depois o polo cidade, na Ribeira Grande, e haveria ainda o polo nascente, para as freguesias desse lado do município. É interessante verificar que, noutros anos, quando a escola profissional teve muita ação formativa, foi possível ter esse projeto em pleno funcionamento. Chegamos a ter um polo cidade e um polo nascente, em instalações arrendadas. Infelizmente, devido à redução de cursos profissionais, esse sonho tem vindo a ser adaptado, fechando esses polos. Agora, nós gostaríamos de voltar a ter, aliás, não só ter, mas materializar, definitivamente, esse projeto, porque achamos que faz todo o sentido abrir, de uma vez por todas, o polo cidade, agora não em modelo de arrendamento. Foi daí que, na comemoração do nosso aniversário, referimos que gostaríamos que isso acontecesse nas antigas instalações da Escola Gastão Frutuoso, que é um edifício que é pertença do Governo Regional dos Açores, mas que este já demonstrou, junto da Câmara Mu-

nicipal, interesse em ceder, gratuitamente. Depois, a autarquia, através de um contrato de comodato, podia, também, providenciar uma cedência para a nossa escola profissional. Seria a concretização de uma velha ambição. Isto acaba por ser fruto de uma estratégia e de uma necessidade, porque, com o aumento de cursos, a nossa sede de Rabo de Peixe já não consegue dar resposta, uma vez que não temos salas disponíveis para acomodar muitos mais cursos e isso fará com que nós tenhamos de utilizar outras instalações, como já acontece com o Centro de Artes e Ofícios, que há vários anos vem sendo utilizado por nós para dinamizar a formação. Mas, se conseguíssemos o tal polo cidade, já não necessitariamos dessas instalações e daríamo-nos formação na cidade da Ribeira Grande. Por exemplo, relativamente ao transporte dos alunos, tem sido um desafio. Nós, ainda o ano passado, adquirimos um autocarro novo, que é imprescindível para a nossa atividade, porque nós não conseguíramos ter os nossos alunos na vila de Rabo de Peixe às 8h30, para o início das aulas, de outra forma. Obviamente que, tendo um polo na cidade, isso já seria possível. De qualquer das formas, este seria um polo secundário, a sede seria sempre em Rabo de Peixe, pela matriz e pela cultura

que nós temos, é lá que estamos e muito bem, mas este, apesar de secundarizado, seria importante para a formação, nomeadamente de ativos, ou aqueles que referi de curta duração e, eventualmente, alguma profissional, que não coubesse nas nossas instalações da vila. Enfim, a ideia era haver, aqui, um complemento ao nosso edifício sede e que, de certa forma, pudesse também dar resposta às nossas necessidades. Se tudo correr bem, como nós esperamos, no próximo ano abrem quatro cursos profissionais e aí já teremos necessidades de espaço e não será, certamente, no decorrer do próximo ano que conseguimos abrir o polo cidade, até porque o edifício em causa carece de obras de intervenção de alguma montra, mas estou em crer que com a boa vontade de todos e com o nosso contributo, enquanto escola, há aqui a possibilidade de concretizarmos isto num futuro próximo.

Para terminar, qual é a mensagem que gostaria de transmitir à comunidade escolar, que se encontra, ainda, de parabéns?

É sempre bom agradecer a todos aqueles que confiaram a sua qualificação profissional à nossa escola. Falo de todos os alunos que, ao longo destes 25 anos, fizeram parte da história da Escola Profissional da

Ribeira Grande, mas também dos formadores que contribuíram, e diariamente continuam a contribuir, na dinamização do ensino profissional no concelho. Falo dos nossos colaboradores, que se entregam, de corpo e alma, a esta causa e sempre que é necessário estão disponíveis. Penso que este mix, de formandos, formadores e pessoal administrativo, tem permitido que o ensino profissional, na Ribeira Grande, seja um sucesso. Também quero agradecer aos pais dos formandos, porque muitas vezes são eles que orientam os filhos na sua qualificação profissional, por isso, agradecer-lhes, também, a disponibilidade e confiança. O ensino profissional tem os seus desafios, não é mentira nenhuma, mas é bom, porque, felizmente, temos vindo a receber este carinho, por parte dos formandos e dos encarregados de educação. Dá para perceber que ainda há muita gente disponível e com vontade de fazer formação profissional na Ribeira Grande. Posso dizer que, no decorrer do ano passado, aquando da abertura dos quatro cursos, deixamos, ainda, cerca de 50 formandos fora da nossa escola, porque já não tínhamos capacidade para os receber, porque apesar de termos quatro cursos, eles têm uma limitação máxima, de 25 alunos, e não podíamos receber mais do que isso.



Café Com Sopas

Sand - Bar





Seg-Sáb: 7:00 – 22:00
Dom: 8:00 – 21:00

PUBLICIDADE

Rua Gonçalo Bezerra, nº 1/3
9600-559 Matriz - Ribeira Grande
Telf.: 296 472 015 Telem.: 916 615 114

Pequeno-almoço, Brunch,
Hamburguesas, Diners,
Comida rápida,
Cachorros quentes
e Sanduíches

CRISTINA CALISTO GARANTIU QUE VAI CONTINUAR A TRABALHAR EM PROL DOS LAGOENSES

“É a pensar nas pessoas que nós estamos aqui”

Apaixonada pelo concelho que a viu nascer, Cristina Calisto é, desde 2015, presidente da Câmara Municipal da Lagoa. Honrada pelo trabalho e pelas funções que tem desempenhado, a edil manifestou, em entrevista exclusiva ao AUDIÊNCIA, a sua vontade de ajudar os que a rodeiam e de contribuir para o desenvolvimento do seu território. Enfatizando que as pessoas são a sua prioridade, a autarca mencionou a agenda que idealizou para dez anos, tendo em vista a dinamização, valorização e engrandecimento do município, assente em três pilares, que visam a promoção da melhoria da qualidade de vida da população. A causa que abraçou com o coração transformou-a numa mulher na política e o desígnio de trabalhar, todos os dias, em prol dos lagoenses levou-a a ser distinguida, no passado dia 7 de fevereiro, na XVIII Gala deste órgão de comunicação social, com o Troféu Prestígio 2022.

Entrevista por Tânia Durães

Para quem não a conhece, quem é a Cristina Calisto?

A Cristina Calisto é uma mulher que se interessou, desde cedo, pela comunicação social, que aos 12 anos decidiu que era esta a sua profissão e que perseguiu o seu objetivo de vida. Na altura, ainda não existia o Curso de Comunicação Social nos Açores, pelo que fui estudar para o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Posteriormente, a minha vida tomou um rumo inesperado e depois de uma curta passagem pelo Açoriano Oriental e pela TSF dos Açores, durante um ano, acabei como assessora de imprensa, na Câmara Municipal da Lagoa e, a partir daí, fiz um percurso como adjunta, como chefe de gabinete e, mais tarde, vice-presidente e presidente de Câmara. Portanto, tantos objetivos traçados, tão nova, mas a vida é mesmo assim, às vezes colocamos desafios, perante nós e temos de tomar decisões, mas posso dizer-lhe que não estou arrependida. Gosto do que faço, sou uma pessoa que se entrega a qualquer projeto onde se envolve e faço o melhor que sei, por isso, nessa medida, fosse na comunicação social, ou como presidente da autarquia, o cenário seria o mesmo, com a mesma aplicação e a mesma dedicação.

Como descreve a transição de assessora de imprensa, até ingressar



Cristina Calisto, presidente da Câmara Municipal da Lagoa



A recuperação do Auditório Ferreira da Silva está quase finalizada



Passeio Marítimo da Lagoa

na vida política, mais ativamente?

Eu vim para a Câmara da Lagoa, como assessora de imprensa, mas acabei por ficar muito pouco tempo nestas funções, também, porque o presidente da autarquia, na altura, depois nomeou-me sua adjunta, um cargo que me trouxe uma aproximação à vida política, naturalmente, e a assuntos da vida local, da comunidade, um papel que não teria como assessora de imprensa. Portanto, acabei por ter uma ligação a dossieres, que são importantes no desenvolvimento do território, dadas as funções de confiança política que me foram confiadas. Mais tarde, sucedeu-se outro presidente e passei a chefe de gabinete, na altura, que é, mais uma vez, um cargo de confiança política e foram outros os desafios que me foram apresentados, até que, em 2015, assumi a presidência da autarquia. Posso partilhar que, no passado mês de janeiro de 2023, eu fiz 23 anos que estou a trabalhar na Câmara Municipal da Lagoa e que estou ao serviço desta autarquia, porque eu faço parte do quadro desde 2000. Logo, na verdade, foram 23 anos, nos quais tive a oportunidade de me dedicar a diversas áreas e de tocar em praticamente todas, adquirindo conhe-

cimentos sobre aquilo que são os desafios e aquilo que deve ser o nosso papel de melhorar as condições de vida e isto propiciou esta aproximação à vida política, que, mais tarde, levou, também, a um salto para as funções político-partidárias e, portanto, aqui cheguei.

Deste modo, podemos depreender que a sua entrada no mundo da política também aconteceu muito naturalmente?

Eu, nestas coisas, sou muito descontraída. O que tiver de ser, será. O que estiver confiado para mim vai ser. Cada um tem as suas convicções, mas a minha é que nós temos um destino traçado, pesem, embora, as opções que possamos tomar ao longo da vida, mas, existe, aqui qualquer coisa, que já está orientada de início e, portanto, eu tive vários exemplos disto ao longo da minha vida e vou dar este como um deles. Eu vim do Cabouco, uma freguesia rural, aqui do concelho da Lagoa e sempre quis ser jornalista e sempre disse que queria tirar o curso de jornalismo, que só existia no continente português. Estou a falar de 1995, de uma época em que tinham acabado de aparecer os Nokia's, os primeiros telemóveis, aos

quais a maioria da população não tinha acesso, portanto estamos a falar de uma altura em que eu não tinha computador em casa, não havia internet e poucos que tinham essas condições. Acontece que, em vésperas de concorrer à universidade, o meu pai tentou convencer-me a mudar o meu rumo de vida, afirmando que se calhar era melhor ser professora e ficar a estudar na Universidade dos Açores. Depois, apareceu em casa com um carro e disse-me que eu podia ir de carro para a Universidade e tentou fazer-me uma certa chantagem, para eu ceder e ficar cá. Hoje é muito mais fácil os nossos filhos irem estudar para fora, porque temos uma noção completamente diferente, mas, naquela altura, era um mundo novo para nós e para mim, em particular. O meu pai é lavrador e a minha mãe é doméstica, de uma condição que não nos permitia viajar com frequência e, portanto, eu ia estudar para um lugar, onde ia passar alguns anos da minha vida e havia esse receio. Então, eu senti alguma tensão, fiz a vontade aos meus pais e concorri, na minha primeira opção, para professora na Universidade dos Açores e na segunda opção também, mas as terceira, quarta, quinta e sexta opções foi para comunicação social, no continente, e eu entrei na primeira opção de comunicação social. Portanto, o destino estava decidido e eu ia tirar aquele curso. Os meus pais ficaram muito surpreendidos quando fomos ver a colocação e eu tinha entrado naquela que teria sido a minha primeira opção de todo, se não tivesse sido aquela hipótese de ceder à situação deles. Logo, estava destinado. Depois, na universidade, havia três níveis de especialização e eu tirei Gestão dos Meios de Comunicação Social e tinha umas cadeiras de economia, gestão e informática e eu não tinha computador, portanto percebam o contexto em que isso acontece, então eu fiz o teste de informática, havia a componente prática

e a componente teórica, e a professora desta componente perguntou um dia, perante uma sala com centenas de alunos: quem é a aluna Cristina Calisto? E eu apresentei-me e ela percebeu pelo sotaque que eu era açoriana e começou a falar sobre isso e perguntou-me, como é que tinha corrido o exame e eu disse-lhe que tinha corrido bem. Posto isto, ela questionou-me: o que é que conta ter? E eu um 13, numa atitude modesta, porque tinha-me corrido bem e ela respondeu-me: não, eu dei-lhe 18 valores, eu nunca dei esta nota na minha vida. Naquela universidade, a partir de 16 valores, nós tínhamos de fazer oral, para comprovar que não era copiado, e eu fiz logo a prova, fui para o quadro, respondi às questões e, a partir daquele dia, era sempre chamada para fazer a revisão da matéria anterior, mas tive, ao longo do ano, sempre 18 e 19 valores nesta disciplina e, um dia, a professora convidou-me para ficar com ela a trabalhar. Na ocasião, eu estava no terceiro ano e queria muito terminar, assim como queria muito regressar à minha terra, mas era um convite que fazia pensar. Todavia, eu tomei a decisão de não aceitar e os meus colegas disseram-me que eu era louca, por recusar, mas aí está, o destino tinha algo para mim. Daí o lema que eu tenho aqui: o que tiver de ser para mim, será no tempo certo e não há que ter pressas na nossa vida, devagarinho e bem. É um bom princípio.

Liderar os destinos da Câmara Municipal da Lagoa era um sonho que já foi concretizado. Que apostas é que a autarquia tem feito nas áreas da educação, do desporto, da cultura e da ação social, tendo em vista promover uma melhor qualidade de vida para a sua população?

Essa é a nossa grande missão, proporcionar melhor qualidade de vida à população e nós, desde 2015, até à presente data, temos desenvolvido um forte trabalho nas áreas que mencionou, sendo certo que, também, temos de nos ir adaptando aos tempos, enquadrando as nossas medidas à realidade atual. Por exemplo, na área da ação social, temos uma componente muito forte, não só no apoio aos mais idosos, como também no apoio às famílias que carecem de ajuda para o seu dia a dia. A verdade é que a situação que nós estamos a viver, atualmente, com uma crise inflacionista, provocada, também, pela guerra que estamos a vivenciar, cria acrescidas dificuldades à população e, portanto, nós, perante isso, também devemos dar respostas, pelo que aprovámos, para 2023, um pacote de 16 medidas de apoio às empresas e às famílias, para mitigar esta falta ou diminuição do poder de compra, que todos eles estão a desenvolver, e que passa por inúmeras medidas, como por exemplo o Cheque Energia, para compensar as famílias que são beneficiárias do Cartão Lagoa + Saúde, que é a população ido-



A valorização da frente marítima é uma das inúmeras apostas da autarquia

sa, que tenha quatro ou mais pessoas no seu agregado familiar e que, naturalmente, vai sofrer com o acréscimo dos custos da energia. Também, reforçamos o nosso Fundo Social de Emergência às instituições que prestam apoio direto à população, nomeadamente às Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), com um acréscimo de 120 mil euros e reduzimos as taxas, para as empresas, nos licenciamentos e nas taxas de edificação. Posso dizer-lhe que este conjunto de 16 medidas representa um acréscimo no investimento da Câmara Municipal no valor de 500 mil euros, para além daquilo que já era normal fazermos, isto para dizer que vamos ajustando as nossas políticas às necessidades. Os Açores, na realidade, sofrem de tudo o que o país todo atravessa, porque há, de facto, uma diminuição do poder de compra das famílias e, depois, sofre, igualmente, do problema da falta de habitação, porque o turismo trouxe, aqui, a realidade nova dos alojamentos locais e, também, da subida dos preços dos imóveis para arrendamento, que estão fora da capacidade que a maioria dos agregados pode suportar. São valores muito avultados, atualmente, e são escassos os imóveis para arrendamento e, portanto, a autarquia também apoia essas famílias, no pagamento das rendas, quando aparece a oportunidade de uma casa, que reúna as condições necessárias, para aquele agregado familiar, porque, neste momento, não dá para termos segundas ou terceiras opções. Quando aparece uma oportunidade, não se pode perder, porque não tende a ser mais fácil, mas a ser mais difícil e, como tal, existe esta preocupação,

, da nossa parte. Na área da cultura, nós criamos o conceito do Museu da Lagoa Açores, que é como se fosse a mãe de toda a orientação, nesta matéria, e acoplámos, a este museu, todos aqueles que são os núcleos museológicos da autarquia, assim como os núcleos museológicos privados, como a Tenda do Ferreiro Ferrador, o Centro Cultural da Caloura, que são privados, mas também entram aqui, assim como a Igreja Matriz de Santa Cruz, que tem a coleção visitável, e isto forma, no seu conjunto, o nosso Museu da Lagoa, que sofreu inúmeras reabilitações, nos últimos anos, e vai continuar a sofrer, porque este é um trabalho que ainda não terminou, pois nós temos vindo a intervenção, cada um dos núcleos museológicos, para garantir não só a sua modernidade, como também a atualização dos descritores e a transformação das mensagens em bilíngue, para permitir a visita de públicos estrangeiros, que nos têm procurado, naturalmente, em maior número, nos últimos anos. Portanto, nós estamos a terminar, aqui, a reformulação dos museus da Freguesia da Ribeira Chã, temos os da vila de Água de Pau para depois iniciarmos e outros que temos desenvolvido, para irmos, passo a passo, modernizando. Ao nível da juventude, nós temos, também, uma série de atividades ligadas ao desporto, assim como o Orçamento Participativo Jovem que, este ano, vai ter, igualmente, uma componente geral colocando, assim, os jovens a apresentarem propostas ao município, daquilo que querem ver no seu concelho, para que possamos, também, perceber aquilo que falta no nosso território e que é vontade e desejo destes jovens, entre

outras políticas que desenvolvemos, nesta matéria. Felizmente, em matéria de ambiente, temos dado passos muito importantes, uma vez que temos uma forte e insistente campanha de sensibilização ambiental neste concelho e tomamos a decisão arrojada de retirar todos os ecopontos da via pública, pelo que não há ecopontos pela rua, excepcionalmente no caso de alguma obra que precise, provisoriamente, de um contentor e dotamos todas as habitações do concelho com mini ecopontos individuais e a recolha é, unicamente, seletiva porta a porta, com os dias da semana dedicados a cada uma das matérias. A verdade é que isto não permite uma acumulação grande, poderá acumular-se a pessoa não respeitar os dias de recolha, mas respeitando, essa acumulação não irá acontecer e vamos começar, em meados de abril, a distribuir o ecoponto orgânico, também, que é uma outra área de reciclagem, que nós ainda não fazemos, mas vamos começar a fazer em junho, que é a reciclagem dos materiais orgânicos, para compostagem. Nós começámos esta medida há três anos atrás e, no início, sentimos alguns constrangimentos, pois a tendência para juntar tudo no saco do lixo e colocar nos indiferenciados é um hábito que está enraizado na população, mas com todas as campanhas que temos feito e a insistência que temos mantido, este comportamento tem-se alterado e, hoje, é muito agradável verificar que o ecoponto amarelo está na rua todas as segundas-feiras, sinal de que as pessoas estão a cumprir. Portanto, não há desculpas para não se fazer reciclagem, é sempre o que eu digo. A par disto tudo, existe aquela mensagem que podemos proporcionar aos nossos jovens, nas escolas, de aposta, também, na formação de melhores comportamentos, nessa matéria, isto para me levar a um outro ponto, que tem a ver com a educação, que é, então, um pilar essencial da nossa atuação, no Município da Lagoa, até porque nos temos afirmado, muito, no caminho da ciência e da tecnologia. É, aqui, neste concelho, que nós temos o único Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel, onde estão sediadas empresas na área das novas tecnologias, que requerem recursos humanos muito qualificados. Nós temos, neste concelho, o único hospital privado dos Açores e vamos ter o único hotel da cadeia Hilton, nos Açores e tudo isto requer mão de obra qualificada, o que é importante, mas eu gostava que os lagoenses pudessem encontrar, aqui, o seu posto de trabalho, todavia, para isso, precisamos de apostar na educação, pelo que temos feito um trabalho muito intenso com as escolas, premiando o sucesso escolar e o comportamento cívico, porque nem todos os alunos serão, naturalmente, excelentes, mas não podemos colocar, no ponto de partida, que uns são melhores do que os outros, pois existem aqueles que, não



sendo os melhores, do ponto de vista académico, desportivo, na adoção de um comportamento de apoio cívico e comunitário, e estes também devem ser distinguidos, para que todos estejam no mesmo nível, pelo que este é, igualmente, um trabalho de encorajamento na sua formação académica, possibilitando que a vida destes alunos possa, efetivamente, ser diferente no futuro e que possamos alavancar, aqui, o nosso concelho, nesta matéria, porque o desenvolvimento económico é um pilar essencial em qualquer território e vem acompanhado da necessidade de recursos humanos, que são cada vez mais qualificados. A exigência do mercado é cada vez mais qualificada, porém, naturalmente, nós vamos ter lavradores, pescadores e precisamos de todas as pessoas, em todas as áreas, pois elas são essenciais, mas sabemos que se há uma vertente da nossa vida, que pode fazer a diferença, é a formação e, portanto, espero que estes jovens todos, no futuro, possam perceber isto e encarar esta situação como algo que, efetivamente, promove o sucesso e a sua independência, também, económica, assim como do seu agregado familiar.

Desde 2015 até aos dias de hoje, que obras materiais e imateriais destaca?
O Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel, com a abertura do primeiro edifício do Nonagon, que tem já mais de 100 pessoas a trabalhar. Depois, a abertura do Hospital Internacional dos Açores, que é um hospital privado que, não sendo propriedade da Câmara Municipal, a verdade é que fica nos terrenos da autarquia, no âmbito do projeto TecnoParque, que visa a integração de iniciativas de base tecnológica e científica e é um serviço diferenciador, no contexto não só do concelho, como da Região Autónoma dos Açores. Do ponto de vista autárquico, o nosso passeio marítimo da cidade da Lagoa, que é a valorização da frente-mar, mas posta à disposição do lazer e da prática de estilos de vida saudáveis. Também, estamos, neste momento, a finalizar a recuperação do Auditório Ferreira da Silva, que será a maior casa de espetáculos do concelho da Lagoa, sem qualquer apoio comunitário, porque não há fundos comunitários para isso, devolvendo, à população, uma casa que tem toda a memória coletiva envolvida e que há muitos anos era ansiada pelos lagoenses. Paralelamente, temos obras para a valorização de praças e jardins e um Plano de Mobilidade, que permitirá, também, repensar tudo o que tem a ver com os transportes coletivos, circulação rodoviária, passeios pedonais, ciclovias e parques de estacionamento, pois tem sido uma política nossa acrescentar espaços, neste âmbito. Depois, temos a questão do empreendedorismo e, aqui, criámos um Gabinete de Desenvolvimento Económico, que diferencia o atendimento do empresário, em relação aos demais, porque para um empresário, o tempo é dinheiro, daí ter sido importan-



te apostarmos num atendimento, que é único e exclusivo, que o coloca numa fila que é diferenciada e permite acompanhar todo o processo de licenciamento, dando respostas de proximidade ao empresário, o que também gera a captação de investimento, que vai, com isto, impulsionar a riqueza do concelho.

Sendo assim, podemos depreender que a Lagoa é um concelho de portas abertas para o futuro?

Sim e temos trabalhado neste sentido, voltando-nos um bocadinho mais para o mar, uma vez que vivemos, muitos anos, de costas para o mesmo. Agora, finalmente, acordamos para a dimensão e importância do mar, sendo que o turismo também nos ajudou a isso, nomeadamente, à valorização do nosso espaço natural e, depois, temos uma rede de trilhos, que permite percorrer o nosso concelho por dentro, no meio do mato, digamos assim, para aqueles que gostam do silêncio e de apreciar a natureza e, ao mesmo tempo, através do Plano Diretor Municipal, está a ser revista, neste momento, a possibilidade de potenciar as áreas de crescimento, nas várias freguesias, quer do ponto de vista da fixação de populações, quer do ponto de vista do investimento local.

Considerando o futuro que se avizinha, quais são os seus maiores sonhos? Que projetos ainda anseia concretizar?

Os projetos estão condicionados, obviamente, aos fundos comunitários e nós sabemos que as orientações comunitárias estão muito para as questões da educação, da exclusão da pobreza e da segurança, que é um tema novo, na Europa. Eu não fiz um manifesto eleitoral normal para este mandato, no qual constaria aquilo que nos comprometímos a fazer, em quatro anos, eu fiz

comportamento, das nossas mentalidades e do nosso nível cultural, de fazermos o salto que é preciso fazermos, pois não podemos falar dos Açores, como a região do país que mais recebe RSI, isto tem de acabar e não se acaba fazendo a Ciclovia da Lagoa, nem se acaba construindo o Auditório Ferreira da Silva, por isso é que eu mencionei aqueles três pilares, porque na realização das ações, estes três pilares é que vão fazer a diferença, num horizonte de dez anos, não é um horizonte de mais três anos, que temos pela frente, e eu já estou aqui desde 2015 e ainda posso fazer mais um mandato, mas enquanto no primeiro mandato defini objetivos para quatro anos, acho que, agora, no exercício destas funções, as coisas mudaram na atualidade, as pessoas estão diferentes, as exigências são outras e nós temos de, também, ver que há coisas que têm de ser mais importantes, do que a obra física. Felizmente, acho que somos ilhas bem-dotadas de equipamentos, o concelho da Lagoa, com a falta de mais uma coisa ou outra coisa, tem uma realidade que é moderna e atrativa. Agora, existe a parte do nível de elevação cultural e educacional, em que temos de apostar fortemente, para fazer realmente o concelho prosperar, mas as pessoas, também, prosperarem, juntamente com o concelho.

Porque, efetivamente, é sempre a pensar nas pessoas.

É a pensar nas pessoas que nós estamos aqui, diariamente, a resolver os problemas. Para um autarca do poder local, um problema que, aos olhos de muitos, é, provavelmente, insignificante, para a vida das pessoas tem muita importância e é desse problema que, muitas vezes, estamos a tratar e a gastar horas do nosso dia, a resolver um pequeno problema, mas aquele problema vai fazer a diferença na vida da pessoa e nós não podemos desvalorizar isso.

Qual é a mensagem que gostaria de transmitir aos lagoenses?

Uma mensagem de confiança, que sejam positivos, que sejam resilientes, no ano de 2023, que está carregado de desafios complicados. Há desafios bons, mas nós estamos perante desafios muito adversos, pelo que não vai ser um ano fácil, mas deixava a mensagem de que sejam resistentes e capazes de pedir ajuda, quando precisarem. Não desesperem, porque existem portas abertas e disponíveis para vos ajudar. Temos de pensar positivo e que as coisas vão melhorar, mas estamos a viver algo que nós não pensávamos que iríamos viver, que é uma guerra na Europa, que pode ter uma dimensão ainda maior e que está a afetar a vida de todas as pessoas, direta e indiretamente, o que causa um amedrontamento nas pessoas, portanto, não desesperem, sejam confiantes e procurem onde acharem que têm a solução, mas não deixem de pedir ajuda.



O Nonagon – Parque de Ciência e Tecnologia de São Miguel é uma das inúmeras infraestruturas sediadas neste concelho

TIAGO CABRAL LEVOU, PELA PRIMEIRA VEZ, MOSTRA À CASA JOÃO DE MELO, NA ACHADINHA

“Coração do Mar”: uma exposição de pintura com uma mensagem que toca a todos

Tiago Cabral, apresentou, no passado dia 3 de abril, a exposição de pintura intitulada “Coração do Mar”, que estará patente na Casa João de Melo, até 31 de maio. Assinada pelo seu heterónimo, Sirius, esta coleção alerta para a proteção do meio ambiente, sobretudo do oceano. A inauguração desta mostra, que está, pela primeira vez, em exibição, no concelho do Nordeste, contou com a presença de Sara Sousa, vereadora deste município, e de Maria Sabino, secretária do executivo da Junta de Freguesia de Achadinha, tendo despertado a curiosidade de dezenas de pessoas.

Por Tânia Durães

Tiago Cabral levou, pela primeira vez, a exposição de pintura “Coração do Mar”, ao concelho do Nordeste. Assinada pelo seu heterónimo, Sirius, esta mostra, que estará patente, na Casa João de Melo, na Freguesia de Achadinha, até ao próximo dia 31 de maio, apela à consciencialização ambiental e para a importância da proteção do oceano.

O autor, de 27 anos, é natural de Ponta Delgada, residindo, atualmente, no município da Ribeira Grande, sendo formado em técnico de análises laboratoriais. O gosto pela pintura surgiu com a curiosidade de passar para o papel, através do desenho, tudo o que lhe despertasse admiração, sendo o lado artístico vivido através do seu heterónimo, que nasceu em 1343, no Japão, e é um ferreiro, cuja curiosidade em desvendar os mistérios universais o conduziu ao mundo da pintura, como forma de expressar sentimentos. Neste seguimento, dedica-se ao desenho a carvão, à pintura e à arte digital, tendo já exposto alguns trabalhos em mostras coletivas e individuais.

Esta coleção, que foi criada durante a pandemia, foi inaugurada no passado dia 3 de abril, por Sara Sousa, vereadora da Câmara Municipal do Nordeste, e Maria Sabino, secretária do executivo da Junta de Freguesia de Achadinha, e aborda a problemática ambiental, tendo como principal objetivo despertar e sensibilizar o público, para a existência dos vários problemas ambientais e, assim, consciencializar a sociedade para a adoção de novos comportamentos, que visam diminuir o impacto ambiental, que afeta todo o planeta.



Sara Sousa, vereadora da Câmara Municipal do Nordeste



Maria Sabino, secretária do executivo da Junta de Freguesia de Achadinha



Sara Sousa e Tiago Cabral



Tiago Cabral apresentou a sua exposição, intitulada «Coração do Mar», que é assinada pelo seu heterónimo, Sirius



Assim, através da pintura a óleo sobre tela, Sirius transmite uma mensagem que toca a todos, acerca da proteção do meio ambiente, sobretudo do mar, alertando para alguns sinais de poluição, que já se fazem sentir atualmente. “Tudo o que aqui está reflete o acumular de muito trabalho, treino e dedicação”, asseverou Tiago Cabral, destacando que “eu quis trazer, aqui, as questões ambientais, de uma maneira diferente e que acredito que pode sensibilizar, de facto, mais pessoas, porque os problemas no meio ambiente ainda existem e estão ao nosso redor, no mar e na própria natureza, também”.

Sensibilizando para a questão da poluição do oceano, o artista promoveu, na ocasião, uma viagem pelas suas obras, explicando que, “todas as telas, exceto uma, têm uma chave, onde uma das extremidades tem o símbolo da paz e a outra tem o coração, e eu acredito que com sentimentos como a paz, harmonia, alegria, que são de união, é possível reverter os problemas ambientais, de uma forma geral. Esta chave representa a solução do nosso problema e não se encontra no nosso bolso, nem na nossa casa, está dentro de nós, porque eu acredito que, cada um de nós, tem de fazer a sua parte. A tela de exceção não precisou da chave, porque a criança que nela está representada, já a simboliza”.

Presente na inauguração da exposição “Coração do Mar”, na Casa João de Melo, Sara Sousa, vereadora da Câmara Municipal do Nordeste, fez questão de “felicitar o artista Tiago Cabral, pelo seu trabalho e por estas obras de arte, que sensibilizam para a proteção do meio ambiente, sobretudo o mar, que é um tema que muito nos preocupa, a todos nós, e, também, ao nosso município, que tenta preservar o nosso meio ambiente e a nossa natureza verde, tão conhecida e falada”.

Desejando muito sucesso para o futuro, a edil apelou a todos os presentes, para “denunciarem os crimes ambientais, pois é uma preocupação nossa, enquanto cidadãos, e é um dever cívico”.

No final da cerimónia simbólica, Sirius anunciou, ainda, que já está a trabalhar numa nova coleção sobre o tema da guerra, que é “muito forte e será inaugurada, provavelmente, no início do próximo ano”, deixando uma mensagem de motivação, para que cada um siga os seus sonhos, independentemente do seu estilo de vida ou da sua idade.

NA MAIS ANTIGA RETROSARIA DA RIBEIRA GRANDE É POSSÍVEL ENCONTRAR ARTIGOS LIGADOS À COSTURA E SOUVENIRS

Arco Íris: 35 anos de amor e dedicação aos clientes

A loja Arco Íris comemorou, no passado dia 28 de março, 35 anos de existência. Com um passado repleto de história e um futuro que se perspetiva risonho, o aniversário desta que é a mais antiga retrosaria da Ribeira Grande contou com a presença de Alexandre Gaudêncio, presidente do concelho ribeiragrandense, Cátia Sousa, vereadora municipal, e Bruno Belo, diretor regional do Empreendedorismo e Competitividade, entre inúmeros clientes e representantes de entidades civis.

Por Joaquim Ferreira Leite
e Tânia Durães

Situada no Nº102 da Rua Nossa Senhora da Conceição, na Ribeira Grande, a loja Arco Íris, que é a mais antiga retrosaria do concelho, abriu as portas, pela primeira vez, a 28 de março de 1988, tornando-se, ao longo dos anos, um estabelecimento de referência neste território. Inicialmente, este espaço foi propriedade de Mariano Jacinto Pacheco, um homem que, na década de 20, iniciou a loja como uma delegação dos grandes Armazéns do Chiado, mas passou, mais tarde, para o padre Edmundo Pacheco, que o acabaria por ceder à afilhada, Filomena Cunha, atual dona, a par do seu marido, José Cunha.

Assim, quando Filomena e José Cunha assumiram a liderança desta loja, fizeram obras de remodelação e introduziram, também, o artesanato, até porque não havia, na altura, nada assim em toda a cidade. "Nós temos uma grande variedade de artigos, desde relacionados com a costura, como rendas, linhas, tecidos variados, aplicações, lás, botões, fechos, entre tantas outras coisas, para adulto ou criança", explicou a proprietária, em entrevista exclusiva ao AUDIÊNCIA, assegurando que, mais de três déca-

PÚBLICIDADE



Aloja Arco Íris, sediada na Ribeira Grande, comemorou 35 anos de existência



Alexandre Gaudêncio também festejou o 35º aniversário da loja Arco Íris, junto dos seus proprietários, José e Filomena Cunha



Bruno Belo, diretor regional do Empreendedorismo e Competitividade



Cátia Sousa, vereadora da Câmara Municipal da Ribeira Grande



Com artigos de costura, artesanato e lembranças, este espaço responde às necessidades dos clientes

das depois, "mantemo-nos na linha da frente, na qualidade dos tecidos e materiais para a confeção de roupa". Dada a sua relevância para o concelho e para a região, a comemoração do 25º aniversário da Arco Íris contou com a presença de Alexandre Gaudêncio, presidente do concelho ribeiragrandense, Cátia Sousa, vereadora municipal, e Bruno Belo, diretor regional do Empreendedorismo e Competitividade, entre inúmeros clientes e representantes de entidades civis.

Na ocasião, a vereadora da Câmara Municipal da Ribeira Grande, fez questão de enaltecer, a este órgão de comunicação, que "é uma grande honra ver estes negócios, que já perduram no tempo, assim como fazer parte desta comemoração, desejando que permaneçam no mercado, sempre prósperos e com vida".

Assumindo a sua vontade de que a loja Arco Íris seja um exemplo, Cátia Sousa reforçou que "estes negócios, numa era em que tudo se compra online, são muito importantes, de forma a preservar, também, a continuidade de certas coisas que eram feitas no passado".

Também presente na celebração, o diretor regional do Empreendedoris-

SESSÕES
DE QUINTA-FEIRA A DOMINGO ÁS 21:30H
SÁBADO E DOMINGO TAMBÉM ÁS 16:30H

ANDRÉ DAVID REIS, TERESA ZENAIDA, PAULO VASCO, SÓFIA DE PORTUGAL

TEATRO MARIA VITÓRIA
INFECTÉRE COSTA APRESENTA:
PROIBIDOS, PARQUE HABITAIS
TEATRO MARIA VITÓRIA

X ANIVERSÁRIO E SENSACIONAL REVISTA DO CENTENÁRIO

TELEFONE: 213 475 454 / 213 461740
EMAIL: TEATROMV@SAPO.PT
POSTOS DE VENDA HABITUAIS OU EM BOL.PT

GÁTIA GARCIA, MIGUEL DIAS, CIDÁLIA MOREIRA, BEA MOREIRA, MARCOS MARQUES

GRANDE ATRAÇÃO DO FADO



mo e Competitividade, ressaltou, em exclusivo ao AUDIÊNCIA, que estas lojas devem ser valorizadas, pela positiva, "porque fazem parte da história e de um aproveitamento do negócio. Lojas como esta, com artesanato, retrotaria e diferentes produtos que, de certa forma, dão resposta a outras necessidades, têm de ser incentivadas e desenvolvidas, na lógica de uma economia circular. Portanto, temos de tentar aproveitar ao máximo, aqueles que são os nossos recursos, numa valorização dos produtos e das atividades". Por conseguinte, Bruno Belo asseverou que "cabe-me, também, fazer a minha parte, procurar estar próximo das empresas e perceber as dificuldades e os anseios, para dar as respostas que são necessárias, porque, ao fim e ao cabo, vão ao encontro daquilo que é o interesse comum, que é criar riqueza para a região".

Orgulhosa e emocionada, Filomena Cunha admitiu que este aniversário "foi muito especial, porque foram 35 anos de muito trabalho, apesar das crises que passamos". Referindo ter-se sentido honrada com as visitas que recebeu, a proprietária deste estabelecimento confessou que "senti que as pessoas sabem reconhecer o nosso trabalho, empenho e dedicação e, por isso, quiseram estar presentes. Eu acho muito importante quando somos reconhecidos, só com um pequeno

gesto, pois, para mim, vale muito". Com clientes habituais, oriundos de toda a Ilha de São Miguel, há mais de três décadas, a Arco Íris também é conhecida pelo seu bem receber e amabilidade. "Foi com um sorriso e pensamento positivo, que ultrapassamos os obstáculos que foram surgindo. Eu sou sempre meiga com as pessoas e com os clientes, mas não basta só a alegria, mas ser leal e amiga, pois isso é muito importante, porque eles sabem que quando precisam, nós estamos cá", afiançou Filomena Cunha, recordando os altos e baixos superados com muito trabalho árduo e "com a porta sempre aberta, incluindo à hora de almoço, sempre prontos para recebermos os nossos clientes". Com o aumento do turismo, na Ribeira Grande, a proprietária da loja Arco Íris também oferece, a par do artesanato, uma enorme variedade de artigos como canecas, copos, dedais, tabuleiros, toalhas, peluches, chapéus ou t-shirts dos Açores, "para quem está aqui de visita à Ribeira Grande e à Ilha de São Miguel e quer levar uma recordação".

A pensar no futuro, Filomena Cunha sublinhou que "anseio que se avizinhem melhores dias, porque estamos sempre com a esperança de que o verão chegue e o turismo volte ao normal, porque é muito importante, aqui, para a nossa ilha".



ASSINE JÁ

Agora o seu AUDIÊNCIA chega a todo o Mundo!

Recorte, preencha o cupão e envie para a morada abaixo indicada

DADOS PESSOAIS

Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Código Postal _____
Telemóvel _____ N.º Contribuinte _____
Email _____

INDIQUE ABAIXO O TIPO DE ASSINATURA QUE PRETENDE

PORTUGAL - 12 meses **50 €** ASSINATURA DIGITAL **20 €**
 ESTRANGEIRO - 12 meses **120 €**

Pago por: **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA** o valor acima indicado
 IBAN: **PT50 0059 0014 2205 7500 0776 8**

Pago por: **CHEQUE** o valor acima indicado à ordem de:
ARG Comunicação, Ld^a

**ARG Comunicação, Ld^a
 Rua do Mourato, 70 - A
 9600-224 Ribeira Seca RG - São Miguel - Açores**

PUBLI CIDADE



Agência Funerária Carvalho, Lda.

Funerária | Embalsamento | Tanatopraxia | Exumação | Exequias | Urna | Lápidas | Terços | Pousos funerários | Incensos | Lápidas | Entre outros produtos

Despacho de Documentação	Transladacões	Funeráis	Tanatopraxia	Morada Tumularias
Cremações	Embalanamentos	Tanatoestética	Exumações	Exequias

Ribeira Grande: Largo do Rosário, 2
 9600-549 Ribeira Grande

296 472 585

Pico da Pedra: Rua dos Prazeres
 9600-074 PICO DA PEDRA

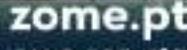
296 492 410

Rabo de Peixe: Rua Infante Dom Henrique, nº9
 9600-130 RABO DE PEIXE

296 491 728

Lagoa (sede): Avenida Infante D. Henrique,
 nº27 9600-022 Lagoa

296 960 180/81



RUA DE SÃO GONÇALO, 235 - 1º PISO STAND AUTO
 296 085 600* Info.azores@zome.pt

® ZOME - Sociedade de Mediação Imobiliária Lda - ZOM 00000000
 *Chamada para o número fixo nacional



REAL ESTATE
A IMOBILIÁRIA QUE ESTÁ CONSIGO SEMPRE!

MUNICÍPIO PROMOVEU ARTESANATO E PATRIMÓNIO NATURAL EM LISBOA

Câmara faz balanço positivo da participação na BTL

A Câmara Municipal do Nordeste voltou a participar na maior feira de turismo do país, a Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), que decorreu entre os passados dias 1 e 5 de março e contou com a presença de Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República, José Manuel Bolieiro, presidente do Governo dos Açores, e Berta Cabral, secretária regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas. Para a autarquia, o balanço é muito positivo, "pela quantidade significativa de visitantes que passaram pelo stand e que planeiam a sua visita aos Açores, assim como pelas agências, que procuravam destinos

e ofertas diferenciadas". A edilidade levou à BTL inúmeras razões para se visitar o concelho, juntando a longevidade do território, que conta com mais de 500 anos de história, ao património natural e edificado, sem esquecer a tranquilidade dos lugares e das gentes, assim como as soberbas vistas e, claro, a beleza dos jardins, que já deram a este município o título de mais florido da Europa. No contexto da promoção turística do destino, a Câmara Municipal também levou o melhor do artesanato local e da doçaria, complementado com informação cultural, turística e brindes de divulgação da página visitnordeste.pt. A



banca do Nordeste contou, ainda, com a presença de uma empresária local, do setor do alojamento, que divulgou a sua oferta. No âmbito da Bolsa de Turismo de Lisboa, o município promoveu um sorteio, que contemplou alojamento, restaura-



ção e atividades de natureza, com o intuito de atrair mais visitantes ao Nordeste. "Tratou-se de uma boa estratégia de divulgação da oferta do concelho, numa altura em que os Açores são dos destinos mais procurados", sublinhou a Câmara Municipal. TD

CINE'ECO PERMITIU UMA REFLEXÃO SOBRE OS DESAFIOS QUE SE COLOCAM À SUSTENTABILIDADE

Festival de Cinema Ambiental regressou ao concelho

O Cine'Eco, que se assume como sendo o mais antigo festival de cinema do país, dedicado ao ambiente, voltou a passar pelo Nordeste e contou com a participação de Marco Schiavon, realizador da curta-metragem "Água nas Guelras", e João Paulo Constância, do Expolab - Centro de Ciência Viva.

Promovido pelo Município de Seia, o certame ofereceu várias sessões de curtas-metragens, nomeadamente



aos alunos do 1º ao 4º ano da EB1/JI de Nordeste, aos quatro agrupamentos de escuteiros do concelho,



assim como ao público, em geral, com o intuito de fomentar a reflexão sobre os novos desafios, que se co-

locam à sustentabilidade do planeta e o enriquecimento cultural, proporcionado pelo cinema.

A Câmara Municipal do Nordeste tem acolhido, nos últimos anos, as extensões do Cine'Eco nos Açores, que abrangem todas as ilhas, "pela pertinência da temática do festival, levando-o essencialmente ao público escolar e mais jovem, mas também à população em geral e, inclusive, sénior". TD

ANTÓNIO MIGUEL SOARES ACOMPANHOU A VISITA

Secretário Regional do Ambiente visitou obras executadas em Santana

O presidente da Câmara Municipal do Nordeste, António Miguel Soares, acompanhou o secretário Regional do Ambiente e Alterações Climáticas, Alonso Miguel, numa visita às obras de requalificação executadas na Freguesia de Santana, na sequência dos temporais de 2021.

A obra de reparação de danos, provocados pelas chuvas fortes que atingiram algumas zonas do concelho em novembro e dezembro de 2021, foram realizadas ao abrigo de um contrato ARAAL, celebrado entre a Secretaria Regional do Ambiente e Alterações Climáticas e a Junta de Freguesia de Santana, num investimento global de mais de 23 mil euros, que consistiu, sobretudo, em trabalhos de desobstrução da Grota do Engenho. A Câmara Municipal do Nordeste também apoiou a obra, através da empresa

municipal Nordeste Ativo, num investimento superior a 24 mil euros, destinado à reposição da tubagem de

esgotos. A requalificação executada na Grota do Engenho consistiu na desobstrução e limpeza desta linha de



água, de modo a garantir a proteção de bens e pessoas. Existe, ainda, da parte da Secretaria Regional, a intenção de avaliar a possibilidade de proceder, futuramente, a uma intervenção de requalificação mais profunda na zona, ao abrigo de fundos comunitários.

Os estragos, causados em 2021, nas ribeiras e demais canais hídricos, levaram a que a Câmara Municipal procedesse à limpeza, manutenção e beneficiação dos recursos hídricos do concelho, tendo ficado a preocupação, por parte do presidente da autarquia, com a segurança de leitos e margens de algumas ribeiras do território, e com a necessidade de serem estabelecidas parcerias com o Governo Regional para a recuperação das mesmas, de forma a prevenir calamidades no futuro. STA

JAIME VIEIRA ASSINOU PROTOCOLO DE COLABORAÇÃO COM A ASSOCIAÇÃO SUPERA-TE E A COOPERATIVA A PONTE NORTE

Junta de Freguesia de Rabo de Peixe reforçou ação na prevenção da violência doméstica

No passado mês de março, a Junta de Freguesia de Rabo de Peixe, a cooperativa A Ponte Norte e a Associação Supera-te assinaram um protocolo de colaboração, visando a prevenção da violência doméstica. Segundo Jaime Vieira, presidente da autarquia rabopeixense, este protocolo visa a "prevenção, consciencialização e superação de relacionamentos abusivos e de violência", justificando, ainda, o desenvolvimento deste projeto pela "crescente necessidade de intervir nestas situações e a complexidade da problemática específica da violência doméstica". O acordo com a Associação Supera-te decorrerá até ao final do ano em curso e implica, entre outros



aspectos, prestar assistência às vítimas de violência doméstica e desenvolver formas de coordenação que permitam o acompanhamento e encaminhamento efetivo das vítimas, suas famílias e,

também, dos agressores. O trabalho a realizar pretende, também, "aumentar a competência profissional dos técnicos que lidam direta ou indiretamente com situações de violên-

cia doméstica, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado do fenómeno", na vila de Rabo de Peixe. Em colaboração com a Escola Profissional da Ribeira Grande, através da cooperativa A Ponte Norte, serão realizadas ações de sensibilização junto às vítimas de violência doméstica, para terem consciência da situação e denunciem a mesma, especialmente junto da comunidade escolar.

"Acima de tudo, pretendemos sensibilizar a comunidade para as questões relacionadas com a violência doméstica, prevenir comportamentos agressivos e promover uma cultura social atenta e cooperativa, em relação a esta problemática", acrescentou Jaime Vieira. JG

USIC ASSEGUROU QUE TODAS AS VALÊNCIAS VÃO CONTINUAR A SER DESENVOLVIDAS

Unidade de Saúde da Ilha do Corvo inaugurou instalações provisórias

O Conselho de Administração da Unidade de Saúde da Ilha do Corvo inaugurou uma estrutura de campanha adaptada ao apoio civil, que contou com a instalação de duas tendas para utilização clínica e uma para apoio. Em causa está, assegurar a continuidade dos cuidados de saúde na Ilha do Corvo, durante a empreitada de requalificação da Unidade de Saúde deste território.

Assim, todos os espaços foram equipados com ar condicionado com filtros HEPA, de modo a aumentar a quali-



dade do ar, filtrando vírus e bactérias, não permitindo a sua saída para o exterior das instalações. Em parceria, o Agrupamento Sanitário do Exército



instalou as tendas no interior do edifício Multiusos do Corvo devido ao clima, para aumentar o seu período de utilização, onde funcionarão o Conse-

lho de Administração e o Secretariado da Unidade de Saúde, enquanto na zona exterior, operará o serviço de fisioterapia, também num espaço provisório.

Devido à distância entre as novas instalações e o centro da vila, o Conselho de Administração realizou um protocolo com a Santa Casa da Misericórdia do Corvo, para o transporte gratuito dos utentes com mobilidade reduzida, entre o seu domicílio e as instalações provisórias da Unidade de Saúde. JG

PRESIDENTE DA ALRAA SALIENTOU A IMPORTÂNCIA DA COOPERAÇÃO AO NÍVEL ECONÓMICO, CULTURAL E CIENTÍFICO

Luís Garcia apelou à “união de esforços” entre os Açores e os Estados Unidos

O presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores (ALRAA), Luís Garcia, recebeu, na Horta, a ministra-conselheira da Embaixada dos Estados Unidos da América em Portugal, Rebecca Neff, e a Cônsul dos Estados Unidos nos Açores, Margaret Campbell, a quem apelou à “união de esforços”, com vista ao “reforço da cooperação entre os Açores e os Estados Unidos da América, seja no plano económico, cultural ou científico”.

Durante a audiência de apresentação de cumprimentos, também foi

abordado o histórico relacionamento luso-americano, tendo o presidente do parlamento açoriano, sublinhado a necessidade de “potenciar o papel da diáspora” neste relacionamento, “com benefícios para os dois países”. Na ocasião, esteve, igualmente, em cima da mesa “a descontaminação dos solos e aquíferos da Praia da Vitória”, tendo Luís Garcia realçado a importância de “ser um processo transparente e eficiente, abrangente e gerador de confiança”, sobretudo para a população local.

O líder da ALRAA fez, ainda, questão

de evidenciar a mais-valia que representa “a posição geoestratégica dos Açores” e “a presença da Base das Lajes”, para “a defesa e segurança do mundo, como mais uma vez ficou demonstrado com a guerra na Ucrânia”. Posteriormente, Luís Garcia convidou Rebecca Neff e Margaret Campbell a visitarem o Plenário da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, assim como a realizarem uma visita guiada à Cedars House, que outrora pertenceu à família americana Dabney, que muito contribuiu para o desenvolvimento da Ilha do



Faial e para a projeção dos produtos dos Açores, no comércio marítimo internacional. TD

LISTA TEVE 48 VOTOS A FAVOR E 26 ABSTENÇÕES

Pedro Ferreira foi eleito vice-presidente da Mesa do Conselho Nacional da IL

O dirigente da Iniciativa Liberal (IL) dos Açores, Pedro Ferreira, foi eleito vice-presidente da Mesa do Conselho Nacional do partido, cargo que ocupará nos próximos dois anos de mandato.

A lista apresentada aos conselheiros nacionais liberais era encabeçada por Nuno Santos Fernandes (Núcleo de Cascais), tendo sido proposto como vice-presidente, Pedro Ferreira (Núcleo dos Açores), e, para os cargos de Secretárias da Mesa do Conselho Nacional, Joana Sousa (Núcleo do Porto) e Sílvia Abreu (Núcleo de Guimarães), sendo suplente João Caetano Dias (Núcleo



de Lisboa). Na votação, a equipa contou com 48 votos a favor e 26 abstenções. Esta foi a primeira vez que o Núcleo Territorial dos Açores da Iniciativa Liberal elegeu alguém para a Mesa de um órgão nacional. O novo presidente do Conselho Nacional, após ser empossado, referiu que o momento é “o começo de um novo ciclo” na vida interna do partido. Nuno Santos Fernandes indicou que os membros da Mesa tudo farão “para continuar a dignificar o papel do Conselho Nacional”, contribuindo para que este órgão “se assuma como uma âncora de estabilidade e confiança”. STA

INSTITUIÇÃO TAMBÉM DISTINGUIU ALGUNS FUNCIONÁRIOS

Casa do Povo da Ribeira Grande prestou homenagem aos antigos presidentes

A Casa do Povo da Ribeira Grande prestou homenagem aos antigos presidentes da Direção, através da inauguração da ‘Galeria dos Presidentes’, espaço criado no auditório do edifício-sede. Na galeria foram perpetuados os nomes e as fotografias de Aurélio do Couto Botelho, Amâncio da Câmara Leite, Eduardo Manuel Ferreira, Dinarte Ferreira Miranda e Lino Batista, nomes que fizeram e farão, para sempre, parte da história da instituição.

Na cerimónia estiveram presentes muitos familiares dos antigos presidentes, bem como funcionários e colaboradores da Casa do Povo da Ribeira Grande, que também foram distinguidos pela atual Direção,

presidida por Albano Melo Garcia, nomeadamente Iolanda Medeiros, Sandra Ponte, Manuel Melo Medeiros, Ildeberto Garcia, Alexandre Gaudêncio e Manuel Galvão.

“Este foi um dia de emoções fortes, pelas homenagens que acabamos de realizar e que representam o nosso reconhecimento ao contributo que todos deram em prol do desenvolvimento da Casa do Povo da Ribeira Grande”, disse Albano Melo Garcia. O presidente, cujo mandato termina neste mês de março, realçou, também, que “desde a primeira Direção eleita até àquela a que presido, todos demos o nosso melhor, com maiores ou menores dificuldades. Todos emprestamos muito do nosso tempo a esta causa

pública”. A Direção entendeu que devia reconhecer, não só os presidentes que passaram pela casa, mas, também, os funcionários que a fazem uma referência no concelho.

“Presto, por isso, a minha singela, mas sentida homenagem, à Iolanda Medeiros, que é funcionária da Casa do Povo da Ribeira Grande há vinte anos. Enalteço, também, o espírito de voluntariado da Sandra Ponte, que há treze anos que integra a Direção comigo. Não posso deixar de realçar o sentido de compromisso de Ildeberto Garcia, amigo e companheiro de muitas lutas. Uma palavra ao Manuel Melo Medeiros, pela dedicação ao longo dos anos e um sentido reconheci-

mento ao Alexandre Gaudêncio, na qualidade de presidente do Conselho Fiscal nos últimos mandatos. Ao vizinho, amigo e confidente, padre Manuel Galvão, o meu muito e sentido obrigado por tudo”, elencou o presidente da Casa do Povo da Ribeira Grande.

Prestes a passar o testemunho, Albano Melo Garcia acrescentou que é “um homem feliz e de consciência tranquila por ter feito tudo o que estava ao meu alcance para honrar o bom nome da Casa do Povo da Ribeira Grande e prestar uma justa e merecida homenagem àqueles que me antecederam”.

A cerimónia contou com um momento musical com viola da terra, a cargo de Rafael Carvalho. STA

PUBLICIDADE

CONTAMOS CONTIGO
VEM APOIAR-NOS AO ESTÁDIO. BILHETES A PARTIR DE 7,5 EUROS.

mais informações em: www.cdsantaclaraportugal.com/bilheteira

A Virgínia da Bretanha



Alfredo da Ponte

Num destes dias tive de ir ao Wall Mart, um pouco antes das oito da manhã. Estas conveniências de comércio aberto a balançar com os nossos horários de trabalho simplificam-nos a vida, de tal maneira que, se algum dia há um desequilíbrio neste sistema, para muita gente será uma visão do fim do mundo. Uma adaptação que muitas vezes não damos o devido valor. Graças a estas vantagens, quem não gosta de estragar tempo, segue as regras do ditado: "É de manhã que começa o dia".

Ao entrar na loja deparei-me com a Virgínia, que vinha a sair com dois sacos de compras. Reconheci-a, claro! Mas, ao que parece, ela reconheceu-me muito mais, por ter naquela altura o meu nome debaixo da língua, e soltado a bom som, mesmo ainda quando se encontrava a cerca de dez metros de distância de mim.

- Eh, Alfredo, há que anos eu não te vejo!...
- Sra. Virgínia, sempre nova!... Parece uma rapariga de vinte anos...

- Eh, hóme, isto já não é o que era...
- A mim, parece-me, que além do que era é muito mais.

Uma gargalhada dos dois lados, que durou a caminhada de ambos até ficarem frente-a-frente. Nisto, ela deixou o solo segurar os sacos, e no mesmo instante me atirou seus braços, lançando-os à minha volta.

Não resisti. Tive de fazer o mesmo. Aperrou-me com metade da sua força, e o abraço demorou perto de dez segundos - o tempo suficiente para me deixar sem jeito, num espaço onde todos passam, e que sem fazer caso, toda a gente vê. Ninguém fala, mas português critica, e faz enredos.

- Os teus pequenos estão bons? Credo, já devem estar tão grandes!... a tua mulher, também...

Que sim, respondi. Perguntei-lhe pelo marido, e ela, então, contou-me que o seu companheiro havia partido deste mundo, há pouco mais de dez anos.

Lamentei, fazendo os gestos de dor, tentando mostrar a cara triste, enfim: usando aquelas expressões que devemos apresentar em

momentos como aquele.

Reviveu comigo aquele dia triste, em pouco mais de um minuto; e enquanto ela falava, apreciei-a de alto a baixo sem más intenções.

Terá sido impressão minha, ou a Virgínia, realmente, não envelheceu. Tem oitenta e seis anos, com os dentes todos que Deus lhe deu. Na cabeça, o tom doirado domina de longe a cabeleira rija e farta, e as rugas ainda hesitam quando pensam em atacar-lhe. É uma sortuda.

A Virgínia é de estatura pequena, mas muito viva. Sempre assim foi. Impunha respeito aos colegas de trabalho, e seria capaz de lançar um soco, ou uma punhada, sopapos ou pontapés, fosse a quem fosse, sem avisar.

Na sua Bretanha, em São Miguel, era camponesa. Por isso, na América sempre cuidou do seu quintal nas horas vagas, tirando dele a mais variada colheita de frutas e vegetais.

Por sua vez, o marido, por aquilo que ela me dizia, há pouco mais de vinte e cinco anos, cuidava das lides domésticas. Porque se reformara aos cinquenta e tal, estava em casa à espera da terceira idade da mulher para lhe fazer companhia. Embora estivesse a tomar conta da casa, era ele quem vestia as calças, porque a Virgínia só usou saias toda a vida. É de realçar o fato das calças do Manuel andarem sempre bem seguras ao corpo, porque para além de usar cinto, ele não saía à porta da rua sem lhe acrescentar os suspensórios.

Nas horas vagas, quando as lides caseiras estavam adiantadas, o Manuel dedicava-se à leitura. Gostava muito de ler, sem nunca lamentar a pouca escola que teve. Possuía em casa uns dez livros, e já os havia devorado várias vezes, porque não tinha mais nada para ler. Até as publicações semanais de O Jornal, em cada semana era lidas duas ou três vezes.

Quando a Virgínia me contou isto, eu prometi oferecer-lhe alguns livrinhos. Daqueles que já não me faziam falta.

Dito e feito. Uns dias depois entreguei à Virgínia cerca de uma dúzia. O marido consolou-se, e a alegria dele, descrita pela esposa, foi como se estivesse nas ilhas, naquele tempo, recebendo uma saca de roupa da América, com "candins" e tudo. Não se fartou de agradecer.

Agarrou-se, com unhas e dentes, pelo menos por uma semana, ao trabalho do Dr. Mário Moura, intitulado "Os moinhos da ribeira Grande". Depois, chegou ao meu conhecimento que ele queria ter uma conversa comigo, para falarmos de levadas, rodizes, eixos, pedras, milhos e farinhas. Tudo fiz para que esta reunião não se realizasse. Será que ele pensava que eu era moleiro? Moleiro, não; fuseiro, sim, com todo o gosto. Com muitas graças a Deus, livrei-me da conversa das mós.

O Manuel quando era rapazote brincou muitas vezes nos arredores do moinho de vento do Pico Vermelho, na Ajuda da Bretanha. Aquele que há poucos anos foi restaurado e, como hoje se vê, faz-nos lembrar do Moulin Rouge de Paris, pelas suas cores, claro; onde predomina o vermelho em cima do branco. Já, agora, podiam adicionar-lhe o azul. Às velas, talvez. É que se formos a aprofundar as coisas vamos acabar ao lado da teoria que defende que as raízes dos bretões micaelenses vieram da Bretanha francesa; e os inhames de Portugal Continental, que sendo também raízes, foram os portugueses que ensinaram os bretões a cultivar.

Com cinquenta e tal anos de América, a Virgínia só foi aos Açores uma vez, e diz à boca-cheia que não tem saudades nenhuma. Para ela pouco importa se a Ajuda e o Pilar são outras duas freguesias independentes, tal como já eram os Remédios desde 1960. Para ela tudo isto é, e sempre há-de ser, a Bretanha. João Bom também está lá metido. Porque é João Bom. Se fosse João Mau, haveria de ficar para os lados de Rabo de Peixe.

O Manuel vê a coisa de maneira diferente. Nas três vezes que lá foi, sozinho, descuidou-se das datas de regresso, e as viagens de retorno lhe saíram muito mais caras.

Numa daquelas vezes em que lá se encontrava, um amigo convidou-o a ir ao mercado das rezas, na Ribeira Grande, num domingo de manhã. Isto, lá pelos finais da década de setenta.

Aceitando, com todo o gosto, o homem ficou maravilhado com o movimento do mercado agrícola, pelas seis da manhã, devido ao alvoroço das gentes e com os altos pregões dos vendedores. Porém, o que mais o impressionou foi que dari a pouco mais de meia hora já estava tudo calmo!

Dali, da praça, atravessaram a rua e foram ao mercado dos porcos. Outro alvoroço. Um endoidecimento.

O amigo do Manuel comprou quatro leitões. Quatro "marrões do norte", como se dizia; e o Manuel fez questão de comprar um. Todo pretinho, menos as orelhas e a rabiça, que era pequena. Se a Virgínia soubesse, fazia um grande leilão, e dava-lhe com o marrão pela cara, até lhe partir o nariz!

Dali, foram à loja do Amâncio, às favas. Meiozinho de vinho a cada um, e um prato de favas para os dois.

Marrões para baixo, marrões para cima. Estando mais calmo, Manuel pensou que não poderia trazer o porquinho para a América. Mas era tão riquinho, e desejava que não lhe acontecesse mal nenhum. Por isso decidiu oferecê-lo ao amigo, que já tinha quatro.

Afinal, como eram todos irmãos, deviam crescer juntos. Bendita porca foi aquela de

Água de Pau, que fez questão de furar o Pico para ir à Ribeira Grande – a terra das oportunidades.

Para não perdermos mais tempo com esta estória, importa-nos deixar claro que estes descuidos do Manuel da Bretanha eram causados pelos frequentes ataques da saudade. Se a Virgínia não fosse capaz de controlar a situação em cada momento de desastre, o Manuel teria perdido o sentido da vida, há muitos, muitos anos.

Duas semanas depois de eu ter entregue os livros à Virgínia, num daqueles dias, ela chegou ao trabalho mal-disposta.

Perguntei-lhe se estava tudo nos conformes. Ela olhou para mim furiosa, e avançou na minha direção com ar de guerreira. Inspiri fundo, e despregou-se com esta conversa:

- Tu, nunca mais me tragas livros p'ró meu home!... Ele mete-se a ler o dia todo, e as coisas de casa ficam por fazer... Eu tive uma briga com ele por causa disso...

Eis mais um exemplo de como um benfeitor se transforma em culpado de certos dramas familiares.

Condenei-me, então, a mim mesmo, e fiz todo o possível para a Virgínia soltar um sorriso. Pregou-me um empurrão, e desatou à gargalhada. Viva! A Virgínia estava de volta!

Nestes escassos minutos do re-encontro com a Virgínia vieram tantas recordações à mente. Se eu tivesse dado fio à meada teria várias horas de conversa que me trariam anos de boas recordações. Mas como o tempo é marcante e cada segundo conta, tive de pôr termo ao diálogo, com a desculpa de ter que ir trabalhar.

A verdade é que estes escassos minutos, que nem chegaram a quatro, trouxeram-me um pouco de felicidade para o dia todo. Talvez nem a própria conversa tenha sido a responsável, ficando em seu lugar o primeiro sorriso, ou a gaitada. A festa da Virgínia. Sim, foi isso:

A festa que a Virgínia fez quando me viu proporcionou-me um dia feliz.

Haja saúde!

Os inhames da Bretanha
Regalam o coração,
Alegram quem os apanha,
Fazem boa refeição!

No teu moinho de vento
Do milho se fez farinha.
Porque o pão era o sustento
Da nossa humilde casinha.

Os inhames e as batatas,
Quando está o tempo fresco
Valem as mesmas patacas,
São do mesmo parentesco.

Fall River, Massachusetts

IT'S A GOOD DAY TO BE HAPPY.

ARRISCA CERÂMICA

Arte Bonecreira Marralhinhas Louças Regionais Presépios Azulejaria

Avenida D. João III, 41, Ponta Delgada | arrisca.comercial@gmail.com | 913 800 269

O Completo
Amanhecer - Rigor e qualidade

Rua do Rosário, 18
9600-124 vila de Rabo de Peixe
Tel -296490254 / 296490250
Email: andradealves.lda@gmail.com
Horário das 8H ás 19H

melo & melo
CENTRO DE PNEUS
FUNDADA A 17.03.1982

meloemelolda@hotmail.com

Estrada Regional da Ribeira Grande 9600 - 214 Ribeira Seca

Serviços do Cliente:
Alinhamento de Direções
Alinhamento de faróis
Montagem de travões
Revisões auto
Pré-inspeções
Chapas de matrícula
Venda de pneus multimarca
Venda de baterias
Lavagem automática com polimento

40
1982 - 2022

296 472 460

PONTA DELGADA
ROBERTO MELO SOC. UNIP. LDA.
Intersidiário de Crédito Vinculado registrado
no Banco de Portugal sob o n.º 0004919

DS
INTERMEDIÁRIOS DE CRÉDITO

CRÉDITO OTIMIZADO


CRÉDITO HABITAÇÃO


296 248 621 • pontadelgada@dsicredito.pt

ARCO IRIS

RETROSARIA ARTESANATO/TECIDOS, ETC

Filomena Tavares P. Cunha, S. U. Lda.
Contribuinte N.º 512 081 468
Rua Nossa Senhora da Conceição, n.º 102
9600-568 Ribeira Grande
Tel.: 296 472 365 - Tlm.: 963 911 667

DIGITALÂNTICO
COMUNICAÇÃO E MARKETING DIGITAL

VACINE O SEU NEGÓCIO COM A COMUNICAÇÃO ADEQUADA

INFO@DIGITALANTICO.PT | 916534596
RUA DO MOURATO, 70A - R. GRANDE